



VI Simpósio Nacional de HISTÓRIA CULTURAL

Escritas da História: Ver - Sentir - Narrar

IMAGENS DA ESTAÇÃO: A CONSTRUÇÃO IMAGÉTICA DE UM BALNEÁRIO QUE SE QUER REVELAR

Glaura Teixeira Nogueira Lima*

1944 chegou para Araxá, no sudoeste de Minas Gerais, trazendo chuvas torrenciais durante todo o mês de janeiro, em meio à mobilização de alguns segmentos em torno da visita oficial do governador, Benedito Valladares. Comissão central e subcomissões formadas por políticos, empresários, padres, freiras, juristas, engenheiros e médicos, entre outros, estiveram envolvidas naquela recepção. O motivo do evento consistiu na inauguração das intervenções urbanas realizadas na cidade dois meses antes daquela do Complexo Termal em construção na cidade mineira¹.

A receptividade mostrada pela população de Araxá, ainda que seduzida pelo avanço material e pela crença no Estado como organismo forte, mostrou-se capaz de unir simbolismos próprios da mineiridade, particularmente quanto à maneira afável de receber².

A praça da Conceição, que outrora fora criada no influxo das intervenções urbanas dos anos 1920, naquele momento receberia nome, traços e sentidos

* Professora-adjunta da UFTM (Universidade Federal do Triângulo Mineiro), em Uberaba-MG

1 Panfleto intitulado “Visita do Dr. Benedito Valadares Ribeiro a Araxá”. 15/01/1944. Arquivo PO/0046-141/ AMDB-03/ FCCB.

2 ABDALA, Mônica Chaves. *Receita de mineiridade: a cozinha e a construção da imagem do mineiro*. Uberlândia: Edufu, 1997. p.46-109; ARRUDA, Maria A. do Nascimento. *Mitologia da mineiridade*. São Paulo: Brasiliense, 1990. p.82-88.

inteiramente novos. Nessa perspectiva, ganhou ênfase a construção daquele que seria o “Jardim Novo”. Tratava-se do projeto da praça em ponto privilegiado, no mesmo lugar onde havia sido saudada, em 1918, a novidade da “Praça da Conceição”. A ordem estabelecida impunha transformação, ainda que eliminasse o modelo de espaço público antes existente.

Os motivos de tal alteração contaram com argumentos convincentes a seu favor, isto é, aqueles próprios de uma cidade em vias de se constituir em “uma das mais bem aparelhadas estações termais do continente”³. O novo território que se chamou praça Governador Valadares obedeceu a um projeto que contara com a participação de profissionais como o engenheiro do Estado Agostinho Carlos Catella (o mesmo que trabalhara na avenida do Contorno e na praça de Esportes, ambos no Barreiro, e que percorrera cidades próximas coordenando obras municipais e estaduais) e de arquitetos e artistas de renome. Inserido no primeiro segmento estava o arquiteto-urbanista francês Alfred Agache, conhecido internacionalmente e, de modo especial, no Brasil como o autor do plano de remodelação do Rio de Janeiro no período entre os anos 1920 e 1940⁴. Quanto às artes plásticas, representaram-nas o escultor J. Bahia, o mesmo que assinara a produção artística da Fonte Dona Beja e da piscina emanatória das Termas.

Heróis existem para serem eternizados. Tornar imortais líderes por meio da arte é assegurar o magnetismo que deles emana. Por isso a praça sob nova ordem, ou seja, com traçado, vegetação, pergolado, bancos para assento, revestimento e denominação inéditos, esta última substituindo a de Nossa Senhora da Conceição, atestava a inserção da cidade-balneária em “estágio civilizatório” adiantado⁵. Obedecendo aos preceitos urbanísticos ditados por mestres do cientificismo, a nova praça ou o “jardim novo”, como se consagrou junto à população da época, monumentalizou a imagem de Benedicto Valladares, ao centro, em escultura de granito.

³ CINE-JORNAL BRASILEIRO. Vol.1, n.110. Departamento de Imprensa e Propaganda, 1940. Original no Arquivo Cinemateca Brasileira e cópia no Arquivo FCCB.

⁴ STUCKENBRUCK, Denise. *O Rio de Janeiro em questão: o Plano Agache e o Ideário Reformista dos anos 20*. Rio de Janeiro: IPPUR/ FASE, 1996. p.98-106.

⁵ SENNET, Richard. *Carne e pedra*. 3ª. ed. Tradução de Marcos Aarão Reis. Rio de Janeiro: Record, 2003. p.111-131.

Àquela altura já se sabia que o projeto paisagístico do Barreiro, de autoria de Burle Marx, não seria executado integralmente. E, há menos de um mês do encerramento das obras e da sua solenização, a imprensa mineira anunciou que:

Além da ação terapêutica de suas águas cuja eficiência já é conhecida e proclamada em todo o Brasil, e mesmo no estrangeiro, pois rivaliza, no gênero, com as de Carlsbad e Vichy, a estância do Araxá, pelo seu clima e altitude, pelas suas belezas naturais, pelo encanto dos seus céus e das suas colinas verdejantes, bem merecia que, para o seu aproveitamento, se realizasse obras monumentais, capazes de proporcionar aos doentes e aos turistas dias agradáveis, vividos em um meio mixto de campo e de cidade, onde fossem encontrados, em abundância, o conforto, o bem estar, as atrações dos grandes centros, o prazer bucólico do sertão mineiro, a sã alegria e o repouso confortador.⁶

Nesse período, também, deu-se a construção da rodovia que ligava o Triângulo Mineiro a Belo Horizonte, passando por Araxá. As demais vias de acesso à cidade – aéreas e ferroviárias – permaneciam como objetos de grande atenção. Medidas relacionadas às negociações com a Panair e com a Rede Mineira de Viação (antiga Estrada de Ferro Oeste de Minas), somadas às iniciativas de construção de estradas próximas, especialmente a partir da fronteira com São Paulo, configuravam-se como essenciais à conclusão do ousado Balneário de Araxá. Como se divulgou naquele discurso às vésperas da inauguração, o governo do Estado havia investido “algumas dezenas de milhões de cruzeiros” para viabilizar o transporte por tais trajetos⁷.

Na segunda quinzena de abril de 1944, os moradores de Araxá receberam um convite – na velha forma de panfleto – para participarem de eventos programados para a inauguração do novo Complexo. O primeiro evento da programação do dia 19, na igreja Matriz de São Domingos, seria a missa festiva celebrada em ação de graças pelo aniversário do presidente Getúlio Vargas, que se encontrava na cidade para a “inauguração oficial das obras do Barreiro”⁸. Todo o povo foi convidado a participar da

⁶ FOLHA DE MINAS. Belo Horizonte, 09/03/1944, p.5. Arquivo FCCB.

⁷ FOLHA DE MINAS. Belo Horizonte, 09/03/1944, p.5. Arquivo FCCB.

⁸ Panfleto intitulado “Missa em ação de graças pela saúde do presidente Getúlio Vargas”. 03/07/1942. Arquivo PO/ 0029-141/ AMDB-03/ FCCB.

cerimônia, reforçando, assim, o ato como resultado do empenho de atender “ao desejo da população de comparecer em massa” à solenidade⁹.

Em 23 de abril inaugurou-se o andar inferior das Termas, partindo do térreo do hall circular. O Grande Hotel entraria em funcionamento apenas no ano seguinte, uma vez que, na ocasião daquela oficial, os últimos andares não haviam sido concluídos. Deles podiam-se ver os ferros verticalizados à espera da alvenaria¹⁰. A equipe construtora, por seu turno, mantinha-se instalada em Araxá, até porque, nos três primeiros anos, as gerências das Termas, do parque, dos jardins, das fontes (as três últimas, reunidas) e da obra do Grande Hotel estavam hierarquizadas e subordinadas a uma diretoria vinculada ao governo estadual¹¹.

No interior do hall do Balneário, diante da placa de inauguração, celebrou-se a materialização do projeto que pretendeu fazer de Araxá uma estância cosmopolita, à altura das “cidades balneárias da Europa, oferecendo maiores possibilidades de cura”. Na referida placa lê-se que a inauguração aconteceu no dia 19 de abril de 1944. Esta foi a data registrada ainda no impresso que divulgou o discurso proferido pelo bispo naquela ocasião. Essas evidências históricas da programação antes prevista para a data considerada nacional revelam que o término das obras não se confirmou também desta vez. 1944 chegou sem que houvesse tempo hábil para tal, tampouco o 19 de abril fora cumprido para a formalização da abertura das Termas¹².

Cabe ressaltar aqui a importância da relação entre as imagens visuais e as palavras quando ambas são trabalhadas na construção da memória coletiva. Se, por um lado, o relato oral enquanto fonte não pode constituir-se na essência de um “objeto de

⁹ Panfleto intitulado “Inauguração oficial das Obras do Barreiro”. 22/04/1944. Arquivo EH/ 0002-141/ AMDB-03/ FCCB.

¹⁰ Depoimento de Abel Neuppmann concedido ao Projeto Viva Voz/ FCCB, 1995.

¹¹ Recorte de O ESTADO DE SÃO PAULO. São Paulo, 25/07/1948, p.5. Arquivo FCCB.

¹² Depoimentos orais indicam o dia 23 de abril como sendo o dia em que se efetivou a inauguração, em especial, o de Arnaldo de Almeida Castro, concedido à autora em outubro de 2006, Araxá.

conhecimento histórico”¹³, por outro, a palavra emitida pela oralidade ou por meio da escritura ganha sentidos a mais quando é associada à imagem¹⁴.



Imagem 1 – Inauguração do Balneário¹⁵.

O público mostrou-se um tanto quanto divergente daquele de dois anos atrás, quando oitocentos trabalhadores ocupavam a bacia do Barreiro. O momento inaugural contou com a participação de homens, na sua maioria, jovens, em grande parte, e, somando-se a estes, autoridades locais. Foram sentidas as ausências de representantes de empresas mineiras e de engenheiros construtores, justificadas por questões políticas e empresariais envolvendo a empreiteira, de São Paulo, e a subempreiteira, de Minas Gerais, oficialmente contratadas¹⁶.

Embora circulassem ônibus e caminhões, disponibilizados gratuitamente pela Prefeitura para o transporte daqueles que participariam das solenidades, houve aqueles que se dispuseram a percorrer a pé os nove quilômetros que separavam Araxá do

¹³ MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. “Fontes visuais, cultura visual, história visual. Balanço provisório, propostas cautelares.” In: REVISTA BRASILEIRA DE HISTÓRIA - Órgão Oficial da Associação Nacional de História. São Paulo, vol.23, n.45, 2003. p.11-36.

¹⁴ MAUAD, Ana Maria. “Fragmentos de memória: oralidade e visualidade na construção das trajetórias familiares.” In: PROJETO HISTÓRIA. São Paulo: EDUSC, n.22, jun. 2001. p.157-169.

¹⁵ Cerimônia oficial de inauguração das Termas do Barreiro com a presença, entre outros, do presidente Getúlio Vargas e do bispo Dom Alexandre Amaral. 23/04/1944. Fonte Iconográfica; fundo: Agência Nacional; EH/ COC-P/ 437.20. Arquivo Nacional.

¹⁶ Depoimento de Svent Kierulf concedido à autora em maio de 2003, Belo Horizonte.

Barreiro¹⁷. O acontecimento associado ao significado dos personagens presentes, conduziu, ainda assim, algumas centenas de habitantes àquelas festividades. Não raro é possível ouvir entre a população feminina araxaense a afirmação de que a ausência de mulheres ao evento deveu-se, de certa maneira, à distância geográfica do Barreiro em relação às suas residências e à rigidez dos padrões de comportamento e de convivência social impostos às mães, às esposas, às filhas e às irmãs¹⁸.

O certo é que a inauguração consistiu, sobretudo, num ato político e, por mais que se tentasse projetar um viés de popularidade, alguns fatores contribuíam para que se tivesse a sensação de que se tratava de uma espécie de cerimônia reservada. A separação física entre um espaço e outro e as possíveis dificuldades de integração dela decorrentes poderiam ser alguns deles. É certo que os caminhos entre ambos colocaram lado a lado os construtores e os moradores, mas também é certo que isto se dava em dimensão mais ampliada se relacionada às elites.

Da cidade *ideal* à construção *real* chegou-se finalmente à sua ocupação, a partir de 1944. Este acontecimento por si só configurou-se num monumento, reunindo, em torno dele, um conjunto de imagens ancoradas em percepções individuais e coletivas e também em suportes técnicos. Decifrar os códigos das imagens da construção da estância hidromineral do Barreiro em Araxá é, portanto, interpretar a visão de estação balneária presente à época do Estado Novo, ou seja, um modelo semelhante àquele que se criou ou se imaginou como símbolo de estância hidromineral.

As fotografias alusivas a esse período em particular, deixam de ser percebidas como um registro de experiências vividas para ganharem sentido oficial, sendo decodificadas, revistas e repensadas. O caminho para historicizá-las e compreendê-las em seu sentido enquanto fonte visual deve partir, necessariamente, da forma e do momento da sua produção, passando pela intenção e pela forma de divulgá-la, com vistas ao público a que se destinava. O propósito revela-se em alcançar a interação ou o

¹⁷ Manuscrito, por José Abdanur. Araxá, 1997. 30p. (Coleção particular); Depoimento de José Abdanur concedido à autora em fevereiro de 2003, Araxá.

¹⁸ Depoimento de Dalva Santos Zema concedido ao Projeto Viva Voz/ FCCB em 1995.

diálogo entre o documento e a questão na qual se insere a imagem, especificamente nesta apresentada a seguir¹⁹:



Imagem 2 - Complexo Grande Hotel e Termas de Araxá²⁰.

A subjetividade e a objetividade inseridas nas relações sociais inerentes ao processo de fotografia indicam a possibilidade de a **imagem fotográfica** atuar **enquanto testemunho**. Tal possibilidade “[...] repousa na nossa convicção de que aquilo que nós, os espectadores, vemos existiu de fato, que aquilo ocorreu em determinado e exato momento e que, como *realidade*, foi apreendido pelo olho do observador”²¹. Neste aspecto, vale frisar a referência e o hábito de se enviar o cartão-postal como prova ou testemunho do privilégio de frequentar uma estação balneária²².

Prosseguindo, percebe-se que a fotografia produzida pelo fotógrafo oficial do novo projeto do Barreiro privilegia a monumentalidade da obra, em detrimento dos

¹⁹ MENEZES, Ulpiano. “Fontes visuais, cultura visual, história visual. Balanço provisório, propostas cautelares.” In: REVISTA BRASILEIRA DE HISTÓRIA - Órgão Oficial da Associação Nacional de História. São Paulo, vol.23, n.45, 2003. p.16-17.

²⁰ Vista aérea do Complexo Termal do Barreiro de Araxá, inaugurado a partir de 1944, onde se veem o Hotel, as Termas, a Praça de Esportes, a Fonte Dona Beja e a Fonte Andrade Júnior, circundados pela lagoa superior, pelos jardins e pela avenida do Contorno. Não foi possível identificar o autor dessa fotografia. Arquivo Fotográfico/ 0741. Fundação Cultural Calmon Barreto de Araxá (FCCB).

²¹ MANGUEL, Alberto. *Lendo imagens: uma história de amor e ódio*. Tradução de Rubens Figueiredo, Rosana Eichemberg, Cláudia Strauch. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. p.93.

²² SCHAPOCHNIK, Nelson. “Cartões-postais, álbuns de família e ícones da intimidade.” In: NOVAIS, Fernando A. (Coordenador-geral da coleção); SEVCENKO, Nicolau (Org.). *História da vida privada no Brasil: República da Belle Époque à Era do Rádio*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. (História da vida privada no Brasil; 3). p.424-448.

cidadãos – profissionais, em sua maioria, sem habilitação específica – que compunham a massa de trabalhadores e cujas práticas ali foram imprescindíveis. É nesse sentido que outra abordagem se impõe. Refletindo sobre a obra, enquanto produzida como questionamento da superioridade de outrem – **a imagem como subversão** –, percebe-se que a execução do projeto do Barreiro empreendido pelo governo Vargas pretendeu provar aos estrangeiros que o país mostrava-se capaz de fazer algo tão belo (no caso, uma estância balneária) quanto os seus pares europeus.

Tal como outros projetos desenvolvidos em países e em séculos diferentes, o projeto do Complexo Termal do Barreiro seria um exemplar de **imagem como filosofia**? O Grande Hotel, as Termas, as fontes, os parques e os jardins seriam a materialização da ideia de uma estação de águas? Seria a ideia de um filósofo sobre o que é este espaço urbano que também se destina à cura e aos lazeres do dia e da noite? Na fotografia anterior, o cenário intitulado “Águas do Araxá” parece contrastar com outro texto, aquele que a imagem constrói. A paisagem natural que circunda as águas e que por elas é integrada sofre a interferência arquitetônica, cuja imagem luxuosa se quer gravar. O registro oferece uma visão panóptica definida a partir de um ângulo superior, com ares de autoritarismo²³.

Assim como determinados profissionais de capacidade e prestígio reconhecidos são escolhidos para executar as obras consideradas importantes, o mineiro Luiz Signorelli assinou o projeto de Araxá a convite do governo estadual. A equipe do arquiteto fora composta ainda por técnicos formados pelo Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo, entre outros de Belo Horizonte e do Rio de Janeiro. O fato de o então presidente Getúlio Vargas ter declarado que a partir daquele momento Araxá não mais precisaria de outro hotel indica que esses novos espaços estariam trazendo a *cidade tangível* ainda que num *futuro intangível*?²⁴ As expectativas dos gestores da obra seriam

²³ Alberto Manguel analisa neste aspecto a imagem da usina de sal projetada por Ledoux, o arquiteto francês do século XVIII, como exemplo de imagem como filosofia. MANGUEL, Alberto. Op. cit. p.251-268.

²⁴ CARVALHO, Maria Alice Rezende de. *Quatro vezes cidade*. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1994. p.96-97.

compartilhadas pelas centenas de trabalhadores no dia a dia da construção, sob os olhares vigilantes dos mestres do saber técnico-científico?²⁵

De um lado, havia as experiências do espectador e, de outro, aquelas vividas pelo morador. O sentido da viabilização do sonho da estância com o seu coroamento por meio da suntuosa obra podia ser percebido pelas leituras que dela faziam os aquáticos ou visitantes e os moradores de Araxá. Os visitantes chegavam atraídos pela possibilidade de descanso, divertimento e tratamento médico num ambiente natural, sadio e considerado propício ao lazer, ao tempo do não-trabalho. Já os moradores viviam uma situação de ansiedade e de certa euforia. Durante muito tempo eles presenciaram as mudanças e construíram diversas imagens do que seria a estância *ideal*. Ao certificarem-se dessa conquista, ainda que o acesso fosse restrito a determinados segmentos, por imposição de circunstâncias sociais, a sua existência, por si só, causou ares de deslumbramento e êxtase, provocando a *síndrome de Stendhal*²⁶. Afinal, seria aquela a construção coletiva de um sonho ou uma questão de interesse de muitos, cujas reações de quem as vê seguem as sensações individuais?

Se o sonho da estância foi monumentalizado, causando impressões significativas aos moradores e aos visitantes, o Complexo identifica-se em alguns sentidos com a cidade e com seus outros espaços, bem como, com certos segmentos sociais, no que se refere à possibilidade de pertencimento a um quadro formado por requinte e luxo. Se a fotografia significa representação – **uma imagem como teatro** – o espaço da estância hidromineral pode ser associado ao “espaço do drama”²⁷, onde o convívio se manifesta com experiências que envolvem elegância, refinamento e, até mesmo, aventura. Essa sociabilidade teatral pode ser entendida como um fim a que se destina a moda²⁸. Se a estação de águas tornou-se moda diante de um tempo vivido de forma articulada com relações sociais e culturais próprias, é a sua singularidade que a diferencia enquanto espaço ou lugar de descanso, de lazer e de cura.

²⁵ CALVINO, Italo. *As cidades invisíveis*. Tradução de Diogo Mainard. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p.59; 69; 117. Depoimento de José Abdanur concedido à autora em fevereiro de 2003, Araxá.

²⁶ MANGUEL, Alberto. Op. cit. p.29.

²⁷ Ibidem. p.291.

²⁸ BAUDRILLARD, Jean. *A troca simbólica e a morte*. Lisboa: Edições 70, 1996. p.157.

A representação que se criou desse espaço remete à **imagem como memória** quando esta se torna palpável, transferindo-se em espécie, mas assumindo a condição de algo que deve ser lembrado ou de referência para novas ideias e atitudes. É possível, então, pensar o Barreiro de Araxá como uma forma de construção do hegemônico, sendo um espaço que pulsa, tensiona e emerge de diferentes formas²⁹. Sua especificidade como estância hidromineral deriva do fato de reproduzir continuamente relações sociais nascidas do contato mantido com outras relações mais ou menos distantes. Sua história enquanto lugar interagiu com tantas relações quanto histórias vividas por aqueles que o visitaram periodicamente.

A estância do Barreiro por si só tornou-se um atrativo em que imperaram esplendor e suntuosidade. Habitada por hóspedes privilegiados, trabalhadores envolvidos por ela e determinados grupos sociais dela orgulhosos, reafirmou-se a concepção de que o que existe de apuro extremo em construções fora do país pode ser visto também aqui, acrescido de características próprias, principalmente aquelas relativas às identidades mineira e local. Ambientes refinados, festas permeadas por *glamour*, *shows* provocadores de sensações inéditas e condição de acesso a um mundo composto por pessoas e acontecimentos singulares: tudo isso formava um cenário em que se podia, ainda, apostar o futuro³⁰. A prática repetida de usufruir a estância com seus contornos de modismo e de teatralização rompeu-se com o encerramento oficial das rodadas nos cassinos, em 1946? A data no calendário da estância sinalizou, ou não, para o fim do espetáculo?

A Rádio Imbiara de Araxá, fundada também em 1946, atuava como meio de comunicação da cidade, tendo como escopo principal a estância hidromineral do Barreiro por permitir-se oferecer ligação direta com o Grande Hotel, proporcionando a transmissão de *shows* com artistas nacionais e estrangeiros. Ao completar um ano, e durante as festas natalinas de 1947, a rádio divulgou seu próprio material publicitário associando imagens do novo Complexo da estância acompanhadas, em menor número,

²⁹ WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e literatura*. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979. p.113-123.

³⁰ CORBIN, Alain. *O território do vazio: a praia e o imaginário ocidental*. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p.266-271; SOUZA, Gilda de Mello e. *O espírito das roupas: a moda no século dezenove*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. p.157-159.

de imagens da cidade³¹. Tal associação entre imagens, unidas por via construída física e sensivelmente, permaneceria consonante nos tempos seguintes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABDALA, Mônica Chaves. *Receita de mineiridade: a cozinha e a construção da imagem do mineiro*. Uberlândia: Edufu, 1997.

ARRUDA, Maria A. do Nascimento. *Mitologia da mineiridade*. São Paulo: Brasiliense, 1990.

BAUDRILLARD, Jean. *A troca simbólica e a morte*. Lisboa: Edições 70, 1996.

BRESCIANI, Maria Stella. “Cidade e história.” In: OLIVEIRA, Lúcia Lippi (Org.). *Cidade: história e desafios*. Rio de Janeiro: CNPq/ FGV Editora, 2002. p.25.

CALVINO, Italo. *As cidades invisíveis*. Tradução de Diogo Mainard. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CARVALHO, Maria Alice Rezende de. *Quatro vezes cidade*. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1994.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994.

CORBIN, Alain. *O território do vazio: a praia e o imaginário ocidental*. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

HOGGART, Richard. *As utilizações da cultura*. Lisboa: Presença, 1973.

MANGUEL, Alberto. *Lendo imagens: uma história de amor e ódio*. Tradução de Rubens Figueiredo, Rosana Eichemberg, Cláudia Strauch. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

MAUAD, Ana Maria. “Fragmentos de memória: oralidade e visualidade na construção das trajetórias familiares.” In: PROJETO HISTÓRIA. São Paulo: EDUSC, n.22, jun. 2001.

MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. “Fontes visuais, cultura visual, história visual. Balanço provisório, propostas cautelares.” In: REVISTA BRASILEIRA DE HISTÓRIA - Órgão Oficial da Associação Nacional de História. São Paulo, vol.23, n.45, 2003.

³¹ Panfleto com dados informativos sobre a Rádio Imbiara e sobre a cidade de Araxá. s/d. Arquivo OC/ 0002-141/ AMDB-03/ FCCB; Fotografia-cartão de Boas Festas da Rádio Imbiara. 1947-1948. Arquivo Fotográfico/ P-021/ 00305/ FCCB.

SANTOS, Paulo de Tarso. *A lógica do compadre: e outros casos mineiros*. São Paulo: Bocatto Editores, 1991.

SCHAPOCHNIK, Nelson. “Cartões-postais, álbuns de família e ícones da intimidade.” In: NOVAIS, Fernando A. (Coordenador-geral da coleção); SEVCENKO, Nicolau (Org.). *História da vida privada no Brasil: República da Belle Époque à Era do Rádio*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. (História da vida privada no Brasil; 3).

SENNET, Richard. *Carne e pedra*. 3ª. ed. Tradução de Marcos Aarão Reis. Rio de Janeiro: Record, 2003.

SOUZA, Gilda de Mello e. *O espírito das roupas: a moda no século dezenove*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

STUCKENBRUCK, Denise. *O Rio de Janeiro em questão: o Plano Agache e o Ideário Reformista dos anos 20*. Rio de Janeiro: IPPUR/ FASE, 1996.

WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e literatura*. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.